

O CONCEITO DE MITO EM EUDORO DE SOUSA

Constança Marcondes Cesar

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Uma antropologia filosófica; uma epistemologia; uma filosofia da religião e da história; uma poética: tudo isso encontramos, de modo implícito, ao seguir as reflexões a respeito do mito, ao longo dos escritos do filólogo português.

Como fontes relevantes, explicitamente citadas, de seu pensamento, é possível assinalar: Schelling, Bachofen, Heidegger e o nosso Vicente Ferreira da Silva.

Dioniso em Creta¹, publicado em 1973, aborda a mitologia e filosofia da Grécia antiga; **Horizonte e Complementaridade**,² de 1975, trata da relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos; **História e Mito**³, de 1981, tem por assuntos, entre outros, a epocalidade da história, os conceitos de mito, religião, natureza.

Em que consiste o mito? É, fundamentalmente, um discurso a respeito dos deuses. Para compreender tal discurso, é preciso, contudo, buscar sua origem: a religião⁴, o ato ritual, pura vivência da presença do sagrado. A religião é fonte dos mitos; é religiosa a primeira atitude do homem perante o mundo. O mito aparece, como um dizer poético, uma resposta ao sentimento da presença do divino. Não é explicativo, mas simbólico. Sua expressão máxima é a tragédia, drama ritual⁵.

Na medida em que se dissocia do rito, o mito aparece como **mitologia**, dizer a respeito dos deuses. Expressa, dessa forma, uma primeira cisão, uma primeira ruptura com a dança e o rito. Neste sentido, mostra-se como uma teocriptia e, ao mesmo tempo, como antropofania e cosmofania.

O mito aparece como uma "exegese do símbolo; não é alegoria, mas **tautegoria**⁶. Aparenta-se com a poesia. Na verdade, a essência da poesia é, para o autor, **mitologia**, isto é, evocação da transcendência, numa linguagem simbólica, universal, primordial⁷.

A mitologia, dizer a respeito da presença dos deuses, é pré-helênica. Isto porque, segundo Eudoro, a Grécia se caracterizou por ser amfítica, no sentido de que recusou os deuses, em favor de um novo mito: o do homem⁸. A Grécia está na raiz da ruptura entre a concepção mítica do mundo, — cuja compreensão é desencadeada pelo "regime

de fascinação” imposto por um deus — e a do mundo de hoje, no qual os deuses estão ausentes, onde se perdeu o sentido do cosmo, a idéia de um centro e de um horizonte.

O universo mítico, caracteriza-se pela presença fascinante dos deuses; o da técnica, pela teocriptia, pela desdivinização. Nesse mundo, o corpo do homem deixou de se apresentar como sinal da transcendência⁹.

O mito evoca o logos. Num primeiro momento, no texto **Horizonte e Complementaridade**, o filólogo português os apresenta, não como opostos, mas como complementares, sem que haja um privilégio do mito sobre o logos.¹⁰ O mito diz respeito à sensibilidade, como o lógico à inteligibilidade. Em Anaximandro, em Platão, os mitos falam o mistério do Ser; mito e metafísica, codificações do Mistério¹¹. Mas, em **História e Mito**, o autor resvala para uma ousadia: a indagação a respeito de uma possível prioridade do mito sobre o logos, exposta no exame das relações entre mito e história¹².

As épocas históricas, o horizonte histórico, o próprio assunto dessa ciência — as ações dos homens — seriam desencadeadas por um mito original¹³. A sua epocalidade, provocada por diversos “regimes de fascinação” que se apropriariam da consciência humana: O horizonte da história, não seria circunscrito por ela própria, mas por uma realidade metaistórica. O tema de tal saber, o mito do homem, expressa a negação dos deuses, desdivinização, ocultação do mítico.

Há, no entanto, a possibilidade de o homem abrir-se a uma nova relação com a transcendência¹⁴, pois, como afirma o autor: “No antiquíssimo de mim, dorme o antigüíssimo do mundo”¹⁵.

NOTAS

(1) São Paulo, Livraria Duas Cidades.

(2) São Paulo, Livraria Duas Cidades/Editora Universidade de Brasília.

(3) Brasília, Editora Universidade de Brasília.

(4) **Dionísio em Creta**, pp. 77, 98, 103 e segs., 117 e 118; **História e Mito**, pp. 21, 37, 41, 43.

(5) **Dionísio em Creta**, p. 78.

(6) **Dionísio em Creta**, pp. 139, 143; **História e Mito**, pp. 54, 79.

(7) **Dionísio em Creta** pp. 144, 145, 175, 177, 221 e segs., 229.

(8) **Dionísio em Creta**, pp. 30, 31, 32, 125, 127, 132, 133, 137.

(9) **Dionísio em Creta**, pp. 152 e segs., 163; **Horizonte e Complementaridade** pp. 51, 99; **História e Mito**, pp. 31, 32, 56, 75, 91.

(10) **Horizonte e Complementaridade**, pp. 9, 33, 43, 45, 53; **História e Mito**, pp. 53, 58, 61, 63, 64.

(11) **Horizonte e Complementaridade**, pp. 59, 87; 120 e segs.; **História e Mito**, pp. 58, 61, 63, 64.

(12) **História e Mito**, p. 65.

(13) **História e Mito**, pp. 4, 9, 18 e 19, 21, 23, 24, 26, 27.

(14) **História e Mito**, p. 51.

(15) **História e Mito**, pp. 36.